

Silêncio
que
invade e
liberta: as
paisagens-pintura
de
Francisco Laranjo

Domingos Loureiro

Portugal. Artista visual. Doutorado em Arte e Design, especialização em Pintura (FBAUP). É professor do Departamento de Artes Plásticas e diretor do curso de licenciatura em Artes Visuais (FBAUP). Investigador integrado no i2ADS. Membro organizador do ICOCEP, e de diversos eventos científicos e académicos. Coordenador local do Aujourd'hui Arts & Crafts Project (Erasmus+) e investigador principal do projeto GroundLAB (i2ADS).

Silêncio que invade e liberta: as paisagens-pintura de Francisco Laranjo

RESUMO

O texto apresenta uma perspectiva pessoal sobre a importância do Silêncio para a compreensão do processo de trabalho e da obra de Francisco Laranjo. O silêncio apresenta-se como uma condição empírica, mas, igualmente, como conceito associado ao transcendente e ao sagrado, sendo chave para a reflexão e contemplação da obra do artista, recentemente desaparecido. Neste contexto, o silêncio assume-se como figura do desconhecido onde operam diversos estados de associação, interpretação e performance, na sua prática artística. Desta forma, propõe-se que as suas obras sejam compreendidas como território em si, que não se referem a algo concreto, mas que operem como espelho para pensar o mundo. Assim, propõe-se que as obras sejam entendidas como um lugar, como paisagem, sugerindo-se a designação de *paisagem-pintura* para caracterizar as obras de pintura realizadas por Francisco Laranjo.

Palavras-chave

Francisco Laranjo, Silêncio, Pintura, Paisagem-Pintura, Vivência

El silencio que invade y libera: las pinturas-paisaje de Francisco Laranjo

Resumen

Este texto presenta una perspectiva personal sobre la importancia del Silencio para la comprensión del proceso de trabajo y la obra de Francisco Laranjo. El silencio se presenta como una condición empírica, pero también como un concepto asociado a lo trascendente y a lo sagrado, siendo clave para la reflexión y contemplación de la obra del artista, recientemente fallecido. En este contexto, el silencio se asume como una figura de lo desconocido donde operan diversos estados de asociación, interpretación y performance en su práctica artística. De esta forma, se propone que sus obras sean entendidas como territorio en sí mismo, que no se refieren a algo concreto, sino que operen como espejo para pensar el mundo. Así, se propone que las obras sean entendidas como un lugar, como paisaje, sugiriéndose la denominación de *pintura-paisaje* para caracterizar las obras de pintura realizadas por Francisco Laranjo.

Palabras clave

Francisco Laranjo, Silencio, Pintura, Pintura-paisaje, Experiencia

Silence that invades and liberates: Francisco Laranjo's landscape-paintings

Abstract

This text presents a personal perspective on the importance of Silence for understanding the working process and the work of Francisco Laranjo. Silence presents itself as an empirical condition, but also as a concept associated with the transcendent and the sacred, being key to the reflection and contemplation of the work of the artist, who recently passed away. In this context, silence assumes itself as a figure of the unknown where various states of association, interpretation and performance operate in his artistic practice. In this way, it is proposed that his works be understood as territory in itself, that do not refer to something concrete, but that operate as a mirror to think about the world. Thus, it is proposed that the works be understood as a place, as a landscape, suggesting the designation of *landscape-painting* to characterize the paintings of Francisco Laranjo.

Keywords

Francisco Laranjo, Silence, Painting, Landscape-painting, Experience

Introdução

Este texto inicia com o ruidoso silêncio que ficou pela partida precoce de Francisco Laranjo, ensurdecador a cada palavra que escrevo. Porém, entre o lamento e a dor, outros silêncios merecem a nossa atenção, como reflexo do que Francisco representa e nos apresentou.

Do cimo dos mais de vinte cinco anos desde que conheci Francisco Laranjo, na condição de seu aluno da Licenciatura em Pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, consigo perceber que, desde então, continuei sempre como seu aluno. Francisco era um professor por natureza e utilizava todas as formas e momentos para transmitir e ensinar. Fazia-o com o respeito pelo conhecimento e a bondade de quem sabe da importância da partilha. Ao rigor pelo conteúdo, era na forma que manifestava o seu génio de educador. De perspicácia singular na compreensão dos assuntos, devolvia a dúvida de forma subtil, orientando-nos na descoberta de resposta ou na ampliação da curiosidade, evocando a reflexão. Francisco fazia-o como um bom mestre, dos que acompanha a fluidez do pensamento e carrega nos botões certos para que tudo pareça autodescoberta. Um guia que nos emprestava lentes, mas deixava que fossem os nossos olhos a encontrar a solução.

Como na pessoa, a sua obra é um gesto de ensinamento pleno. Vestida da complexidade civilizacional que cruza Ocidente e Oriente aproximando temporalidades e culturas, apresenta o respeito pelo rigor do fazer em equilíbrio exímio com o sensível, num diálogo tanto lógico como de impossível classificação. A sua obra é poesia e ciência. É matéria e imaterialidade. Neste sentido, as suas obras são lugar-em-si, que não projetam ou representam, mas que serão o espelho onde tudo se poderá vir a encontrar. Assim, atrevo-me a designá-las como paisagem, considerando-as como um território próprio, onde lugares próximos e longínquos se encontram através da contemplação. São, ainda, legados da história de Francisco e de todos os que lhe foram relevantes, mestres e anónimos, que contemplava com bondade e sede profundas.

De entre toda a sua produção, destaco as pinturas, a que designo de paisagens-pintura, conceito que assume a condição de lugar onde tudo o resto vai encontrar a sua existência. Paisagens-pintura são territórios que espelham o caminho para outros

lugares, reais ou invisíveis, de espaços-tempo indefinidos e de gestos sem geografia. Lugares sem fronteira entre a poesia e a ciência, entre o belo e o transcendente, entre o sagrado e o terreno.

Nestes lugares paisagens-pintura, o silêncio é a forma de encontrar o caminho, quer como processo de contemplação, quer como figura em si. O silêncio é a chave para entrar no universo autoral de Francisco, o caminho para o sentir, para o viver. Desta forma, este silêncio de que, agora, somos reféns, seja a chave derradeira para aceder à extensão da sua obra, como caminho que nos aprisiona e nos liberta, onde beleza e tormenta se cruzam de forma tão extraordinariamente sublime.

Ao Francisco dedico estes pensamentos, pedindo-lhe desculpa por não ter tido a oportunidade de escutar todos os seus ensinamentos e de me faltar a capacidade de os compreender com o rigor e a humildade que exigia, que exigem. Por isso me dirijo ao silêncio, ao silêncio da ausência, mas sobretudo, ao silêncio que tantas vezes encontrei como a lente que o Francisco me emprestou para tentar perceber o mundo. Este silêncio que me aprisiona e que, espero, me possa libertar.

1. A materialização do Silêncio

No início da década de 1950, por altura do nascimento (1955) de Francisco Laranjo, o silêncio ocupava, como figura central, o pensamento e prática de alguns artistas, sobretudo influenciados pela filosofia oriental. Um dos mais relevantes exemplos é John Cage (1912-1992) que, em 1952, apresenta a composição musical 4'33"¹. O título remete para a extensão temporal da composição, marcada pela (quase) ausência de som, uma performance silenciosa recortada pela interferência da envolvente e pelos ruídos que se tornam audíveis com a atuação. Outro silêncio é-nos partilhado por Robert Rauschenberg (1925-2008), ao apagar um desenho 'dos difíceis de apagar'² de Willem de Kooning (1904-1997)³, fazendo submergir a forma pelo apagamento. Neste desenho, as marcas deixadas no papel e os resíduos de borracha são a forma visível que emergiu do apagamento das marcas realizadas com carvão, óleo e pastel⁴. Os resíduos são rastros da ação de apagamento, da imposição do silêncio. Por sua vez, nas seis décadas de trabalho da série 'Today series' (1966-2014), On Kawara (1932-2014) realiza telas pintadas a negro, identificadas pelo branco da tipografia pintada ao centro

que inscrevem o dia da sua realização. Aqui, o pintor subscreve o manifesto da impossibilidade da imagem que tanto atormentou a geração conceptual das segundas vanguardas, onde cada data atestava a impossibilidade do comentário para além do silêncio, agudizando de forma tão ou mais ruidosa qualquer outra imagem que o artista pudesse escolher apresentar. Também Yves Klein (1928-1962) busca a potência do silêncio, materializado em *Le vide* de 1958⁵, uma sala branca vazia de paredes cobertas por sucessivas camadas de tinta subtilmente aplicadas pelo autor. Em todos, o silêncio é figura para inscrever o território de uma experiência possível e impossível, em simultâneo. Em cada um, o silêncio afirma-se como rasto, ruído, camada, branco, negro ou apagamento.

Porém, o silêncio em Francisco Laranjo não se prende com o espírito conceptual que vigorava aquando do seu nascimento, nem tampouco é exclusivo do seu fascínio pela cultura e filosofia oriental. O silêncio em Francisco deriva do seu modo de estar perante as circunstâncias ao seu redor, marcadas tanto pela formação católica, quanto pelo olhar atento pelas culturas ancestrais da humanidade, como pela aprendizagem junto de outros mestres direta ou indiretamente, ou pela dedicada forma de apreciar a vida. Em Francisco, o silêncio é o momento que antecede cada gesto, que exige cada gesto, que expõe cada gesto. É uma forma de contemplação exigida pela poesis⁶, num espaço onde a ação só se poderá desenvolver se forem cumpridas diversas condições: estar atento, ser curioso, evidenciar humildade, ser apaixonado, estar em ligação. As circunstâncias são-no para a realização de uma pintura como para a vida.

Quem teve a oportunidade de conhecer Francisco Laranjo saberá da sua agenda sempre preenchida, da sua constante disponibilidade para acompanhar o outro e lhe dedicar bondosamente o seu espaço e tempo. Saberá, também, que o tempo que dispunha para materializar a sua produção artística estava muito condicionado pelas exigências diárias que assumia. Por isso, o silêncio é tão relevante na sua obra, como espaço-tempo infinito onde encaixa a sua prática artística, em contraponto do ruído do seu dia-a-dia. O silêncio é a chave para a compreensão do seu processo de trabalho, como signo de um diálogo sem palavras, mas pleno de significado, que se apresenta essencial tanto prático, como conceptualmente. Do ponto de vista prático, o silêncio exige a condição da escuta. Exige também a vivência e a disponibilidade sensível. Exige,

finalmente, a preparação para reagir sem o interromper, para a continuidade da sua presença. Neste contexto, o silêncio impõe, para se manifestar.

Por sua vez, do ponto de vista conceptual, o silêncio é figura impossível, transcendente, sublime, arrebatadora, sagrada e fantasmagórica, bela e tormentosa. É luz e escuridão, é pausa e gesto, é palavra muda e signo, é forma e é sentir, é comunicação e incompreensão, é solidão e utopia⁷. O silêncio é ainda veneração e humildade, condições que, tanto são pertença da prática como do conceito.

Neste sentido, o silêncio de Francisco é a ferramenta que lhe permite encontrar-se com a arte e, simultaneamente, experienciar o que esta é capaz de proporcionar, em dimensões ímpares. A arte é, pelo silêncio, diálogo que revela e que omite onde tudo está em discussão, onde tudo é possibilidade.

Por sua vez, o silêncio está associado a crença, na busca pela manifestação do divino e do sagrado.



Fig. 1. **Francisco Laranjo**, Vitrais do Baptistério da Igreja de Nossa Senhora da Boavista, Porto. Foto de Teresa Almeida

2. Crença no que não conhece

Francisco Laranjo era um crente. A sua educação católica e o seu fascínio pela religião justificariam esta condição. A crença que manifesta é direcionada ao desconhecido, força não dominada e utopia, onde Deus e Fé são figura e forma de dedicação ao transcendente e ao sagrado. Numa entrevista publicada em 2013, Francisco Laranjo refere o seguinte:

“Não sei nada de Deus. Por isso tenho Fé! Creio que a ideia de Deus pode ser a mesma que para um Budista, ou para qualquer outro homem crente de outra religião. O que vale é o seu testemunho. (...) Acredito em Deus, mas se tivesse uma explicação, não necessitava de ter fé. Não precisava dela, pelo menos.”⁸

A Fé e a figura de Deus descritas neste excerto possibilitam compreender a forma como o fascínio e a crença se entrecruzam em Laranjo. É o desconhecido que orienta a sua crença. Quando este se torna conhecido, torna-se desnecessário, embora não irrelevante. Laranjo manteve ao longo da sua vida uma grande proximidade com religiosos e com pessoas de fé, sobretudo católicos, assumindo a sua filiação baseada na condição de ser português e nascido no seio de uma família devota. Interessava-lhe a relação ancestral com a sua própria cultura, ao mesmo tempo, que se abria à compreensão da espiritualidade e dos diferentes credos que os homens perseguem. É a espiritualidade que o comove, onde Deus católico é uma condição cultural, mas a figura do Deus entendida como universal. Por isso, encontramos na sua obra marcas de diferentes formas de crença e de diferentes noções de religiosidade, tanto ocidentalizadas como orientais. É a espiritualidade que lhe motiva, num processo de crença e de diálogo com o desconhecido.

A formação religiosa permitiu-lhe ainda o acesso a património histórico singular, onde as produções artísticas eram formas de comunicar a relação e devoção de diferentes personalidades. Nicolau Nasoni, Grão Vasco, António Carneiro, mas também produções visigóticas, românicas, do Barroco e do Neoclássico, encontravam lugar junto a Júlio Resende, Álvaro Siza, Fernando Lanhas, Carlos Loureiro, Zulmiro de Carvalho, e outros autores que travaram diálogos com o sagrado e o religioso. Francisco escutou-os e admirou-os com a curiosidade de quem tenciona perceber a forma em que se desenvolve o diálogo, não tanto as respostas. São as marcas humanas

que lhe interessam, como forma de devoção. A escuta assume-se, uma vez mais, como prática. Francisco escuta, no silêncio, os murmúrios de outros, e procura ouvir as formas de expressão da cada devoção, de cada devoto perante a sua fé.

Neste sentido, encontramos na obra de Francisco um espaço que é tanto manifesto de devoção, como ato de fé. A sua obra é a sua forma de murmúrio com Deus. A sua obra é a materialidade do contacto com o divino. A sua obra é rosto dessa crença! (- Sei que, Francisco Laranjo tentaria desvalorizar esta leitura, mas igualmente, acredito que se sentiria feliz com a observação!) Por isso, a sua obra é um lugar fora dos lugares conhecidos, não se constituindo como algo que encontramos de forma objetiva. A sua obra é lugar-em-si, lugar per si. Por outro lado, não se trata de uma obra de cariz conceptual, que seja justificável ou enquadrável pela descrição ou enquadramento conceptual que possa ser tecido. A sua obra é forma, sem dúvida. É matéria. É território. A sua obra é paisagem!

3. Paisagem que silencia

Considerando que a paisagem é um conceito com origem na pintura, que foi sendo genericamente atribuído ao território, não poderei deixar de invocar a terminologia na sua génese. A paisagem é a projeção realizada por aquele que descreve uma experiência perante um território. Por sua vez, o uso sistematizado do conceito paisagem levou a que o termo fosse atribuído ao território, em detrimento daquele que realiza a projeção. A paisagem aqui é um lugar sem a experiência de quem faz a intermediação entre o território e a projeção. Sei que Francisco tinha interesse na definição original, que tão relevante se assumira para os pintores do Romantismo. Por isso, foi o tema da sua aula realizada durante as Provas de Agregação à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde Francisco enunciava a relação do homem com a envolvente de forma tão global quanto intemporal.

Ao considerar a sua obra pelo prisma da definição original de paisagem, compreendemos a envolvimento e vivência do autor durante e perante a sua realização. Compreendemos a sua associação ao espírito descrito por William Turner, Claude Monet ou Antoni Tapiès, como também de Shitao ou dos paisagistas do Norte da Europa, que Francisco tanto admirava.

Ao mesmo tempo, quando pensamos na definição de paisagem como conceito para classificar o território, levanta-se a questão de a obra de Francisco ser em si mesmo um território, e não uma projeção. Interessa-me a duplicidade das definições para pensar a obra de Francisco: se num primeiro caso, a sua obra será projeção de um diálogo com um território; no segundo caso, a obra é o território em si mesmo, onde o autor está dissolvido. Em qualquer das situações, estamos perante paisagem, mas em condições distintas, onde a primeira evoca um momento perante um território, e a segunda, invoca a presença do artista para se procurar formular uma projeção. Nas duas situações, existem perdas e ganhos, e ambas exigem a atenção redobrada, exigem o silêncio para a contemplação.

O território com que o autor interage é aquele que orienta a sua crença, o desconhecido, pelo que qualquer descrição prévia é mera especulação. Podemos buscar identificar as referências e os estados de suspensão que o artista terá experienciado. Podemos convocar nomenclaturas e definições, mas nunca seremos capazes de vislumbrar o território de que Francisco nos fala, pois este é o próprio desconhecido.

Doravante teremos de considerar a segunda perspetiva, em que a sua obra é o território em si, a sua obra é a paisagem e para a contemplarmos torna-se necessário o silêncio. A paisagem de Francisco Laranjo obriga ao silêncio, exige o silêncio, convoca o silêncio. Por isso, a sua obra, silencia, como espaço sagrado, como testemunho de fé.

4. Paisagem-pintura e a memória de um espaço-tempo intemporal

Francisco desenvolveu diferentes formas de expressão artística, como a escultura, a cerâmica, o vitral, o desenho, a pintura, reflexo do seu domínio técnico, mas especialmente, como evidência do seu envolvimento plástico com diferentes matérias e modos de fazer. Destacamos a pintura, que só se torna relevante na sua vida com a aproximação a Júlio Resende, seu grande mestre. Resende elucida-o para a riqueza da cor, e apresenta-lhe as diferentes dimensões plásticas e corpóreas que a pintura lhe possibilita. Muitas vezes escutei-o a recordar Resende, um mestre que lhe despontou o gosto pela pintura e lhe ensinou a importância dos diferentes modos de atuar e ler a pintura. Quando olho as obras de Resende, encontro Francisco Laranjo. Vejo também

Dórdio Gomes, Domínguez Alvarez, Diego Velasquez, Francisco de Goya, Paul Cézanne, e Henry Matisse. Quando olho as pinturas de Francisco Laranjo vejo todos estes autores, Resende, Piero de la Francesca, Lascaux e Altamira, mas também as obras de arte anónimas que povoam a Índia, Marrocos, Brasil, Coreia do Sul ou Japão.

Encontramos na obra de Francisco um diálogo transcultural e transtemporal, em que forma e abstração, ocidente e oriente, norte e sul, se conjugam como conceito e como forma, nos seus gestos, nas suas cores, na forma como as coisas se dispõem sobre a superfície dos seus suportes. Cores que remetem para o calor de Moçambique, para os tecidos de Goa, para os sons das aves do Brasil, enquanto ecoam Goethe, Piazzola ou Quental. Em cada gesto, todos os gestos, desde a colheita do vinho no Douro, ao pisar da areia escaldante do Algarve, ao tremer do frio húmido de Lamego, aos escutar da leitura silenciosa de Agustina, às conversas entre amigos sob o aroma a jasmim da esplanada do Rogério do Redondo, aos traços dos pintores caligráficos de Nagasaki, ao rigor da formação em germânicas com a sua mãe, ao respeito clerical aprendido em Lamego, à descoberta de histórias entre os artefactos coletados pelo seu pai, aos ramos da magnólia que se debruçava sobre o lago do Jardim da Faculdade de Belas Artes. Em Francisco, tudo é matéria a colocar no gesto!

Neste contexto, as pinturas de Francisco são um espelho onde o mundo se reflete, em vez de serem um espelho que reflete o mundo. As pinturas de Francisco são território em si mesmo, um lugar sem referência, mas cheio de reflexos. Atrevo-me a designá-las por Paisagem-pintura, já que as suas obras refletem e atuam sobre a nossa memória como um espaço singular onde a nossa consciência encontra pouso e se descobre.

Nas suas paisagens-pintura descobrimos os nossos lugares, as nossas vivências, as nossas angústias e paixões: espelho de um mundo que não existe sem as obras de Francisco Laranjo.

Gostava que todo o mundo fosse como uma paisagem-pintura de Francisco! Sei que seria muito mais revelador do que aquele que nos é oferecido pelo Real.

5. O silêncio que nos permite a escuta de Francisco Laranjo

Ver as paisagens-pintura de Francisco Laranjo é ver dentro e por dentro. Dentro do silêncio de Francisco, o desconhecido pelo qual era devoto, e por dentro de nós

mesmos, espelho para a utopia dos que souberem encontrar o som do seu silêncio, o som do seu murmúrio, o som do seu testemunho.

Francisco jogava com o suporte como um arquiteto paisagista organiza o território, como um bom jardineiro dispõe as espécies para sucessivos florescimentos e revelações, como um bom agricultor que conhece as estações, o clima e as qualidades do terreno onde vai plantar. As fronteiras do suporte eram as fronteiras a assumir e a quebrar. Quantas vezes encontramos os seus traços cuidadosamente encostados a estas fronteiras, num exercício de humildade monástica, qual monge que se dispõe à clausura de uma cela exígua. Francisco toca os limites, aceitando-os e dialogando com a subtileza de quem reconhece as limitações do mundo. Outras, a fronteira é destruída de forma tão intensa, com gestos e marcas que buscam o infinito, que buscam a utopia, expandindo-os por séries de obras, num continuum de atuações. Francisco repete como o faz um aprendiz. Francisco repete como ocorrem os ciclos da vida.

Portanto, as suas paisagens-pintura são um espaço de contemplação, mundos próprios, relatos de uma dimensão filosófica e poética que nos deixou, exigindo-nos agora, também o silêncio. Silêncio que se impõe, silêncio que nos liberta. As paisagens-pintura de Francisco Laranjo são o território onde o ciclo recomeça, onde poderemos aceder à dimensão transversal e singular dum artista e humano extraordinários. Certamente que todo o ruído ao redor das suas obras perturba o silêncio necessário, pelo que aponto à necessidade de acreditar, e na humildade e resiliência para se ser capaz de escutar o lugar transcendente em que se encontram todos os seus gestos, as suas cores, os seus espaços, os seus pensamentos.

Recordo um ensinamento de Francisco sobre a altura a que devem estar expostos os quadros, um pouco abaixo do que habitualmente se considera (o centro da obra ao nível dos olhos). Francisco referia que a obra deve estar ao nível do coração, para que possa ser vista, também, desta forma. Apesar de utilizar este ensinamento, por vezes deparo-me com pessoas que mantêm a vontade de cumprir com a regra que é frequente. Hoje já não as contradigo, mantendo-me em silêncio, lamentando que, dificilmente, elas possam vir a compreender tão grande ensinamento.

6. Silêncio que invade e liberta

O vazio que Francisco Laranjo deixou é imenso! Este vazio, que é tudo menos conceptual, e manifesta-se de forma tão física como mental, constringendo-nos de uma forma irreparável. Além do vazio, resta-nos a memória do contacto pessoal e a memória deixada pelo seu legado que merece ser tratado e disponibilizado. Obras, textos, entrevistas, publicações, objetos de coleção, objetos do seu dia-a-dia, objetos simplesmente. Tudo deveria ser protegido e devolvido ao público para que nos permita algum alívio.

O vazio deixado por Francisco é imenso, como o som inaudível da sua ausência.

É interessante pensar como o silêncio é tão extremo, que nos constringe de forma tão física, e simultaneamente que será o caminho para escutar o território de Laranjo.

O silêncio que nos invade, poderá ser aquele que nos liberta. Por esta razão dediquei esta minha reflexão tão pessoal ao lugar do silêncio na vida e obra de Francisco Laranjo, reconhecendo que, desta forma, tentava expurgar o silêncio que tomou o lugar dele. Porém, neste momento, acredito que o silêncio será o caminho para poder continuar a aprender e a sentir com o Francisco e, através das suas paisagens continuar a olhar curioso e fascinado para um mundo que se tornou, depois do seu desaparecimento, muito mais sombrio.

Espero que esta reflexão, tão dolorosa, seja igualmente, uma forma de celebrar a pessoa, o artista, e a obra de alguém tão singular, como Francisco Laranjo.

Ao meu mestre, dedico este texto, agradecendo a generosidade da sua amizade...

Notas

¹ <https://www.npr.org/2000/05/08/1073885/4-33> (acedido a 13.07.2023)

² <https://www.khanacademy.org/humanities/art-1010/post-war-american-art/new-york-school/a/robert-rauschenberg-erased-de-kooning-drawing>

³ Robert Rauschenberg, Erased de Kooning Drawing, 1953,
<https://www.sfmoma.org/artwork/98.298/> (acedido a 12.07.2023)

⁴ <https://www.khanacademy.org/humanities/art-1010/post-war-american-art/new-york-school/a/robert-rauschenberg-erased-de-kooning-drawing>

⁵ <https://www.beauxarts.com/grand-format/yves-klein-ou-lapologie-du-vide/> (acedido a 20.08.2023)

⁶ Ver Deleuze, *Lógica da Sensação*

⁷ Título da Publicação editada pela BIAL em 2013. Francisco Laranjo: *Solidão e Utopia*

⁸ Entrevista publicada em, Francisco Laranjo: *Solidão e Utopia*, Bial, 2013. p.148